

O Negro: De Bom Escravo a Mau Cidadão?

Autor: Clóvis Moura

São Paulo: Dandara Editora, 2021, 360 pg.

Agnus Lauriano¹

Quarenta e quatro anos depois de sua primeira publicação pela Editora Conquista, *O Negro: De Bom Escravo a Mau Cidadão?* ganha a sua nova edição graças ao esforço de jovens intelectuais que têm estudado e difundido o pensamento de Clóvis Moura nas duas últimas décadas. O interesse pelas obras deste importante sociólogo e historiador piauiense de formação autodidata tem voltado à baila com o avanço das lutas antirracistas neste período: a implementação das cotas raciais e sociais nos vestibulares das universidades públicas e as raciais concursos públicos, uma maior difusão e força na denúncia da violência policial sobre a população negra – em especial, o genocídio de sua juventude –, o crescimento da representatividade negra nas artes, na imprensa, nos parlamentos e nas composições de governos progressistas; e, especialmente, entre pesquisadores e militantes marxistas que relacionam dialeticamente o racismo e a luta de classe do proletariado nas suas mais diversas determinações, de modo a produzir uma compreensão da formação social e econômica do Brasil sob esta ótica.

Essa segunda edição publicada pela Dandara Editora, sob a condução editorial de Joselício Júnior e Márcio Farias, contou com uma bela ilustração na capa do premiado quadrinista e historiador

¹ Bacharel em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNICAMP, integrante do Grupo de Pesquisa Mundo do Trabalho e Suas Metamorfoses do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, integrante do Laboratório de Estudos sobre Saúde e Trabalho do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP e assistente editorial da Revista Cadernos Cemarx.

Marcelo D'Saete que tem realizado trabalhos pautados na temática antirracista. Com prefácio de Gabriel Rocha dos Santos, doutorando em História Econômica pela USP onde realiza uma pesquisa sobre as contribuições de Clóvis Moura para esta área; posfácio da professora do Departamento de Serviço Social da UFSC, Cristiane Luiza de Souza Sabino, cujas pesquisas buscam sintetizar a concretude da categoria superexploração do trabalho de Ruy Mauro Marini em diálogo com a obra mouriana; orelha do professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, Dennis de Oliveira, militante histórico da luta antirracista e um dos mais antigos divulgadores da obra de Clóvis Moura e a quarta capa é do professor do Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP, Cléber Santos Vieira, historiador que tem resgatado os trabalhos jornalísticos de Clóvis Moura durante o período da Ditadura Militar.

Podemos considerar que este livro é de certo modo uma continuidade de outro clássico escrito por Moura: *Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições e Guerrilhas*, publicado em 1959 (a atual edição de 2020 foi publicada pela Editora Anita Garibaldi). Pois, em uma das partes da obra, é abordado o papel dos negros como sujeitos políticos das lutas de emancipação do Brasil e da América Latina, em especial. O autor, reconstrói assim, a agência dos escravizados: desde a implantação da escravidão negra das mais variadas formas, como nas fugas, na formação de quilombos - com destaque principal para a República de Palmares que desenvolveu uma economia interna que disputava com o modo de produção escravista colonial em ascensão -, na participação e organização de grandes movimentos do período colonial e imperial. Fazendo operar, com isso, uma dialética entre agência e estrutura: o negro escravizado rebelado como afirmação da sua humanidade e contra a alienação/estranhamento imposto pela coerção extraeconômica característica deste modo de produção.

O Negro: De Bom Escravo a Mau Cidadão? é dividido em três partes, contendo ensaios e comunicações orais escritas e apresentadas por Clóvis Moura em diferentes momentos de sua trajetória intelectual,

jornalística e política, da segunda metade da década de 1960 até a primeira metade da década de 1970.

Na primeira parte, “Uma Trajetória: Da escravidão à marginalização (De bom escravo a mau cidadão? Dilema Axiológico de um Problema Social)” busca-se responder como surgem as qualificações do negro - antes considerado um suposto bom escravo pelas classes dominantes – e agora, sob a sociedade capitalista, é tido como mau cidadão. Para o autor, a resposta expressa uma tensão social de fundo na sociedade brasileira sob o modo de produção capitalista. A imagem do bom escravo é uma construção idílica das classes dominantes sobre o que foi a escravidão na tentativa de ocultar e apagar o histórico de conflitos, as insurgências, os quilombos, as fugas, as guerrilhas, e toda a resistência promovida pelos negros escravizados em mais de trezentos anos de trabalho forçado.

O bom escravo seria o negro que aceita a escravidão passivamente sem se revoltar e sem combater a exploração forçada, a violência, os castigos e o controle imposto por este modo de produção da vida material. O negro como mau cidadão é o bandido, o preguiçoso, o elemento perigoso, alcoólatra, lumpemproletário, contestador que não se adapta à sociedade capitalista e está traumatizado pela escravidão. Moura enfrenta o dilema axiológico buscando as causas materiais principais que propagam uma aparente contradição.

A competição entre os trabalhadores negros recém-libertos da escravidão com os trabalhadores imigrantes europeus ocorre de forma desigual no nascente capitalismo brasileiro: os primeiros são deliberadamente excluídos pelas classes dominantes dos trabalhos assalariados, dando preferência aos segundos sob uma suposta adaptação prévia à tais tipos de trabalhos. Assim, a população negra é relegada à parcela informal do mercado de trabalho, permanecendo no chamado exército industrial de reserva, formulado por Karl Marx na sua crítica da economia política, entre o desemprego, a informalidade e os trabalhos por conta própria em especial, o trabalho doméstico composto majoritariamente na história por trabalhadoras negras.

As consequências econômicas, políticas, sociais e culturais desta exclusão, segundo Moura, são as péssimas condições de vida expressas na baixa remuneração das atividades de trabalho, nas moradias autoconstruídas em favelas, cortiços e mocambos, má alimentação, a impossibilidade de acesso à saúde e a estrutura de saneamento, violências sob a forma do banditismo ou da repressão policial, a ligação reificada dos negros com a pauperização, a delinquência, a exploração e a marginalização. Quando estes reagem, seja pela violência, seja pela organização via o chamado protesto negro, são identificados como maus cidadãos pela ideologia das classes dominantes brasileiras. Para Moura, a reprodução destas péssimas condições de vida da população negra mobiliza um conjunto ideológico que propaga não apenas a imagem do mau cidadão, como o preconceito de cor das mais variadas formas - com identificação reificada dos negros com a pobreza, a criminalidade e a incapacidade de mobilidade social, como também a ideologia do barreiramento ou do peneiramento - conceito emprestado do sociólogo teuto-estadunidense Emílio Willems.

Esta ideologia reproduz o preconceito de cor de forma racionalizada e estereotipada, impedindo a integração da grande maioria da população negra no centro do mercado de trabalho; e mesmo aos trabalhadores negros com alta qualificação, impede a ocupação de postos de trabalhos mais vantajosos - dificilmente competem em pé de igualdade com os pares brancos. A ideologia da barragem não está apenas presente nas classes dominantes, igualmente ocorre no interior das classes trabalhadoras, em especial, na sua composição branca e de ascendência europeia, que utiliza dos estereótipos e preconceitos que compõem esta ideologia para defender a sua reprodução na divisão social-racial do trabalho na sociedade brasileira e a hierarquização dos postos de trabalho. O historiador e sociólogo piauiense coloca mais complexidade na articulação destas ideologias - relaciona o barreiramento com a ideia do negro como mau cidadão no capitalismo dependente brasileiro e bom escravo na escravidão, com a ideologia do branqueamento e com o mito da democracia racial e do bom senhor.

Com isso, podemos afirmar que essa articulação é a sua concepção do que é o racismo na sociedade brasileira.

A segunda parte é dedicada à participação dos negros nas lutas de emancipação da América Latina, trata-se de uma “continuidade” de *Rebeliões da Senzala*, com um foco mais abrangente do continente. Para Moura, a emancipação é um processo social, cultural, econômico e político em curso, impulsionada por movimentos sociais ou similares que tem como objetivo livrar-se dos restos das relações coloniais ou libertar as forças produtivas dos entraves do *establishment*. O negro, nesse contexto, tem um papel dinâmico ao compor parcial ou globalmente os movimentos de contestação e emancipação desta região do continente americano, como é o caso do Peru, da Venezuela, da Colômbia e de Cuba. Ou mesmo sendo uma força completamente radical que não só lutou para libertar-se da sua condição de escravo, o caso único é o Haiti, e tem um comentário breve sobre a repercussão desta revolução social entre os negros escravizados brasileiros. Na maior parte da região, é destacado que após esses processos de emancipação, a população negra recém-liberta é forçada à marginalidade, as referências utilizadas por Moura sobre o protagonismo dos negros neste período são de autores marxistas da América Hispânica e do Caribe como José Carlos Mariátegui, Eric Williams e C. L. R. James.

O autor enfatiza igualmente o papel dos negros nas lutas de emancipação do Brasil ressaltando que a presença populacional negra é a maior das Américas e que a escravidão era uma característica de sua economia nacional por mais de trezentos anos, diferentemente dos Estados Unidos, onde a escravidão foi predominantemente em uma região e uma proporção populacional menor em relação à população branca. Retomando a principal tese de *Rebeliões da Senzala*, Clóvis Moura ressalta que os movimentos mais radicais durante a Colônia e o Império tiveram a presença majoritária de negros como: o Quilombo dos Palmares, a Inconfidência Baiana ou Revolta dos Alfaiates, e as diversas insurreições na Bahia durante e após a Independência - dentre elas, a Revolta dos Malês, e outros importantes movimentos

do período regencial como a Cabanagem e Balaiada. Desse modo, o autor diverge da tradicional interpretação realizada por sociólogos e historiadores comprometidos com as classes dominantes, que colocam o movimento abolicionista como composto por uma classe urbana emergente e branca. Moura salienta que este movimento não se separa de toda a luta de resistência escrava desde o início deste regime de trabalho forçado. A participação dos brancos é explicada pelo fato do escravismo ter se tornado um entrave ao desenvolvimento das forças produtivas e seus interesses específicos de igualdade jurídica.

A última parte denominada “O negro como grupo específico ou diferenciado em uma sociedade competitiva (Uma proposta dialética para o estudo dos grupos negros no Brasil e sua problemática)” trata de uma análise sociológica da organização coletiva dos negros. Os grupos diferenciados seriam os negros que são identificados por outros setores da sociedade no sentido de isolá-los e aplicar os mecanismos de barragem social, de modo que não se identificam como um coletivo de interesses comuns e organizado. Para Moura, à medida que este grupo diferenciado toma consciência da sua condição na sociedade competitiva, identifica-se enquanto um grupo específico com interesses próprios para sobreviverem enquanto negros contra os mais diversos mecanismos de barragens construídos pelo capitalismo brasileiro. Os grupos específicos não emergiram apenas neste modo de produção, eles já se davam no modo de produção escravista como o autor demonstra desde *Rebeliões da Senzala*. Sob o modo de produção capitalista, os grupos específicos são as mais diversas formas de associativismo como a imprensa negra, os clubes, as escolas de samba, sociedades de socorro mútuo, diversas organizações da luta antirracista, movimento *hip-hop*, etc. A relação dialética entre grupos diferenciados e grupos específicos é inspirada nos conceitos de classe em si e classe para si formulados por Marx em *Miséria da Filosofia*. Moura procura com essa análise dialética também relacionar classe e raça em movimento dentro do contexto da formação social brasileira que será desenvolvida em suas obras posteriores como *Brasil: Raízes*

do Protesto Negro (1983), *Sociologia do Negro Brasileiro* (1988) e *Dialética Radical do Brasil Negro* (1994).

O Negro: De Bom Escravo a Mau Cidadão? chega em boa hora no contexto de resgate da obra de Clóvis Moura e reafirma sua importância como um intelectual marxista que analisou o movimento dialético do desenvolvimento da formação social brasileira em seus aspectos históricos e sociológicos sob a perspectiva do proletariado preto como a pedra angular da exploração do seu capitalismo dependente.